



## A Filosofia da Educação na virtualidade da ação e expressão humana

Elaine Conte, UFRGS  
elaineconte.poa@gmail.com

Vanice dos Santos, UFRGS  
vanicedossantos@gmail.com

**Resumo:** As transformações tecnológicas dinamizam as esferas da vida humana em diálogo com o mundo, por isso abordamos, neste artigo, os desafios da utilização crítica das novas tecnologias em ações educativas, num esforço de reflexão filosófica na modalidade a distância. O ensaio trata da construção da interdisciplina de Filosofia da Educação sob o olhar dos professores, como uma aprendizagem desenvolvida na participação colaborativa, em que ideias e atos têm fragmentos de encontro na conversação e recriação de conhecimentos, criando a cultura da troca efetiva de experiências no tempo e no espaço. O grande diferencial, em termos de desafios interativos e comunicativos ao professor contemporâneo, é evidenciado pelo potencial ativo, mobilizador e descentrado da linguagem virtual.

**Palavras-chaves:** educação a distância, filosofia, espaço virtual de aprendizagem, interação.

### Philosophy of Education in the virtuality of human action and expression

**Abstract:** Technological transformations add dynamism to the many different levels of human life in its dialog with the world, thus we approach, in this article, the challenges within the critical use of new technologies in educational actions. This essay deals with the construction of the interdisciplinary Philosophy of Education from the perspective of teachers, treated as learning acquired from collaborative participation, in which actions and ideas bring within fragments of encounters in the conversation and recreations of knowledge, creating the culture of the effective exchange of experiences in time and space. The major differential, in terms of interactive and communicative challenges to contemporary teachers is evidenced by active, mobilizing potential, as well as, not centered in the virtual language.

**Key words:** Distance Learning, Philosophy, Virtual Learning Environment, Interaction.



## Considerações iniciais

A educação herdou da modernidade uma racionalidade baseada em interesses econômicos, que dirige o pensamento e impede, muitas vezes, o exercício da reflexão humana. Harold Bloom (2009) questiona que nos dias de hoje, a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria? Nesse sentido, a Filosofia da educação tem a tarefa de conduzir o ser humano (este inacabado, insatisfeito e imperfeito) a pensar coerentemente a realidade pungente, que se manifesta na necessidade de transformação. Há de se convir que a educação também não pode ignorar ou permanecer insensível ao que se passa no mundo, em termos de virada tecnológica, que transforma não apenas nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pesquisar, de julgar, de indagar, de aprender, de interagir, de ensinar, de pensar e de agir. Ora, o mundo do ensino, ao invés de estar sempre atrasado em relação à tecnologia, poderia tomar a frente de uma demanda social orientada para uma formação pedagógica diversificada e complexa. Compreendemos que a falta de cuidado com a educação/formação a distância poderá levar as novas tecnologias a aumentarem as diferenças e as desigualdades no domínio das relações sociais, da informação e do mundo. Nesse sentido, a Filosofia fornece subsídios para nossas complexas e universais questões (liberdade, felicidade, justiça, sentido da vida) e, igualmente, os conhecimentos (inclusive tecnológicos) dão respostas, ainda que provisórias, para nossos problemas de sobrevivência. Convém dizer que as ilusões e as incertezas de coordenar valores (sabedoria filosófica) e instrumentalizar-se (teórica e praticamente) são fundamentais na escola e no mundo da vida.

Assim sendo, o ensaio trata da construção da interdisciplina Filosofia da Educação sob o olhar dos professores, como uma aprendizagem desenvolvida na participação colaborativa, em que ideias e atos têm fragmentos de encontro na conversação e recriação de conhecimentos, criando a cultura da troca efetiva de experiências no tempo e no espaço. O grande diferencial, em termos de desafios interativos e comunicativos ao professor contemporâneo, é evidenciado pelo potencial ativo, mobilizador e descentrado da linguagem virtual. De forma semelhante, contemplando, um projeto de arte e uma experiência de colaboração sobre um mundo de sobreposições, a filosofia constitui um jogo de interrogações justificadas na “decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido” (Chauí, 1997, p. 12). Com efeito, esta ação de interrogar-se e desacomodar-se frente aos diversos acontecimentos da vida cotidiana é própria do humano. Esta vinculação entre conhecimento teórico e mundo da vida é uma característica da filosofia, encontrada, portanto, em diversos filósofos ao longo da história. Tal vinculação aparece sob diversos termos, por exemplo: elo entre ignorância e sabedoria (mito da Esfinge); necessidade do ser humano em saber, visto que sabe que não sabe - Pitágoras compara esse quesito dos humanos com os deuses e animais; busca por compreender o que é tido como verdade (Sócrates). Interessante notar que encontramos, de outro modo, a relação entre teoria e prática nos pressupostos pedagógicos deste Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância. Fazemos alusão à arte estabelecendo uma relação com a interdisciplina Filosofia da Educação<sup>1</sup> como uma forma de resgatar a importância da reflexão filosófica para problematizar os contextos, imagens, em que se inserem as ações educativas, desacomodando o *praticismo ingênuo* e a *mecanização do conhecimento*, fortemente presentes na vida contemporânea. Assim como a perspectiva cria novos mundos, a dinâmica da educação filosófica a distância



cria novas possibilidades em que ideias e atos têm fragmentos de encontro na virtualidade da linguagem (Gadamer, 1998), aguçando o movimento argumentativo de expor os limites do dogmatismo e as possibilidades do pluralismo de valores e de discursos, na medida em que nos possibilita uma correspondência no pensar e no agir. Nesse sentido, questionamos: Como compreendemos, vemos e sentimos a experiência de educação a distância? Como humanizar as relações intersubjetivas no ensino a distância frente à prevalência dos interesses mercadológicos? É possível incluir com a educação a distância os indivíduos graduados, porém fora do mercado de trabalho? Como socializar conhecimentos para os alunos sem recair na simplificação dos conteúdos?

A formação continuada e interdisciplinar de educadores requer, inclusive, criar condições para o desenvolvimento de profissionais que saibam utilizar os recursos das mídias digitais em diferentes práticas, sobretudo dos ambientes virtuais de aprendizagem, compreendendo e interpretando essa forma virtual de pensar e produzir conhecimentos. Nesta perspectiva, a educação pode oferecer ao indivíduo oportunidades significativas de construção de conhecimentos e valores. O que se vislumbra é, entre outras coisas, que os meios tecnológicos possam favorecer o diálogo autêntico e promover interação, cooperação, comunicação e motivação, diversificando e potencializando as relações intersubjetivas. Segundo Lévy (1999), a potencialidade para o desenvolvimento de processos educativos na mediação *on-line*, abre espaço para refletir sobre as estratégias pedagógicas que a comunicação oferece. Assim, nosso objetivo é prescrutar a construção da interdisciplina Filosofia da Educação, como prática pedagógica via educação a distância, explorando os diferentes potenciais pedagógicos deste recurso tecnológico (de interações com o outro social), para formar sujeitos pensantes, críticos, dinâmicos e interativos socialmente, visto que estes são portadores de mensagens da própria cultura.

### **Rememorando aspectos inquietantes e contraditórios na (re) elaboração das ações pedagógicas**

O espaço virtual pode se tornar um espaço de *real colaboração e partilha do sensível*, pois favorece o aprendizado, à medida que instiga a construção de jogos de compreensão (Gadamer, 1993). A construção contínua de significados diante daquilo que se apresenta, envolve a singularidade humana em um ambiente esteticamente elaborado em que a arte e toda a percepção que a envolve, juntamente com as experiências das novas tecnologias<sup>2</sup>, podem proporcionar.

Segundo Lévy (1996, p. 74):

[...] técnica é pública ou partilhável, ela contribui em troca para forjar uma subjetividade coletiva. Em tantas profissões, como ferreiro, esquiador, ciclista, seus agentes modificaram seus músculos e seus sistemas nervosos para integrar os instrumentos em uma forma de corpo ampliado, modificado, virtualizado.

Tomando a técnica como um meio para a produção da subjetividade, Pierre Lévy (1996) expõe que as tecnologias da inteligência, dentre as quais inclui a oralidade, a escrita e a informática, provocam transformações na percepção, bem como essas tecnologias estão sempre ligadas às questões sociais. Trata-se de saber se podemos romper a sina de nossa educação domesticadora de linguagem e usos, e se sabemos expor-nos ao encontro de uma realidade que não corresponde às nossas opiniões, esquemas e expectativas prévias. Nesse sentido, Gadamer (1998) faz menção à escola



como uma instituição normalizadora e de conformismo social, ao levar em conta o processo repressivo de domesticação da linguagem que todos experimentamos quando chegamos à escola.

No fundo, em nosso mundo a mesma questão está sempre presente: a conformação da linguagem em convenções, em normas sociais, atrás das quais se escondem também interesses econômicos e de poder. Mas esse é justamente o mundo de nossa experiência humana, onde dependemos de nosso julgamento, isto é, da possibilidade de nos colocarmos criticamente frente a todas as convenções. Na verdade, devemos essa capacidade de julgamento ao fato de nossa razão ser virtualmente linguagem (Gadamer, 1998). Mas se os limites de nossa linguagem denotam os limites de nosso mundo, como ultrapassar a ambição utilitarista desses meios? Como fazer um movimento de discussão intelectual pelo qual a reflexão espontânea se transforme em pensamento filosófico? Como um veículo de informação e comunicação pode ser utilizado e potencializado pedagogicamente pelos educadores, como uma possibilidade de debater, argumentar e pesquisar? O que a interatividade traz para os processos de construção e mediação de conhecimento? É preciso que se aprenda a usá-los, cabendo ao professor, além da tarefa de orientar para um trabalho de reflexão, o papel de orientar como pesquisar na internet, abrir os primeiros endereços ou *sites* que sejam relevantes para o assunto que se pretende pesquisar e incentivar para que o estudante faça suas próprias buscas e consequentes descobertas.

Dada as diferentes concepções filosóficas da educação, a equipe da interdisciplina teve como preocupação inicial levar em consideração questões como *necessidade e rigor acadêmico*, em termos de responsabilidade filosófica, ao selecionar as abordagens teóricas. Houve, nesse sentido, uma tentativa de priorizar os textos clássicos, que se aproximavam da questão epistemológica da interdisciplina Filosofia da Educação<sup>3</sup>, sem deixar de contemplar as reflexões escritas dos próprios professores pela construção, desafio e responsabilidade de aprimoramento da linguagem pedagógica. Algumas razões para a leitura e sensibilização com os pensadores clássicos podem ser elencadas na seguinte passagem:

4. Toda leitura de um clássico é uma releitura de descoberta como a primeira. [...] 6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. [...] 7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo as marcas das leituras que precederam a nossa (Calvino, 2002, p. 11).

Essas leituras do mundo promovem situações que recuperam a problematidade da vida, de estabelecer relações, de conhecer, superando as insuficiências diante de uma realidade que acomoda e aliena os sujeitos. Objetivamente, nas atividades procuramos provocar nos sujeitos/agentes as contradições entre as representações do sujeito e o movimento do real, abrindo mão de textos muito familiarizados (destronando percepções do tipo 'eu já vi' ou 'eu já sabia'), por textos clássicos, para se conseguir maior interesse dos acadêmicos. Os trabalhos foram concebidos de forma a estimular os agentes a desempenhar um papel ativo, crítico e vigilante em sua própria aprendizagem pela abertura à virtualidade da linguagem, ao discurso e aos textos, que ganham importância central, como um movimento de constante questionamento, vinculando tradição e atualidade. Destacamos que o fazer pedagógico dos agentes/atores, aqui incluídos os alunos, professores e tutores deste Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância, são efetivamente considerados no processo de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, a racionalidade comunicativa oferece à educação a possibilidade de lidar com diferentes interpretações, sem reducionismos teóricos (Habermas, 2002). A partir



de diferentes problematizações, visamos desnaturalizar alguns conceitos (compreendidos como se estivessem sempre aí), mostrando como foram sendo instaurados e re-instaurados, de maneira a repensar outras formas de ver e nos relacionar com o mundo vital. Na linha destas considerações, sublinhamos que o que é aceito como racional aqui e agora pode se evidenciar como falso, sob condições epistêmicas diferentes, diante de um outro público e contra objeções futuras.

A intencionalidade que moveu esta ação docente foi contribuir com a formação e enriquecimento cultural dos professores em atuação, mostrando a natureza processual da realidade, bem como a importância da educação na sua inteligência como tempo de possibilidade. Ressaltamos que a maioria dos docentes da equipe de Filosofia da Educação não tinha experiência com educação na modalidade a distância. Embora professores na educação presencial, tratava-se de um outro modo de pensar, agir, apresentar, elaborar, acompanhar o ensino de filosofia. Como vivemos um tempo de transformações cada vez mais radicais, sabemos que uma das qualidades urgentes de um professor que busca um eficaz desempenho é a “capacidade crítica, sempre desperta à inteligência do novo”, à performatividade do inusitado, do risco, da dúvida, do diferente, das mudanças mobilizadas na existência humana como presença no mundo (Freire, 2000, p. 16). Ao ministrarmos as aulas a distância tivemos a possibilidade de analisar e buscar por melhores maneiras de aproveitamento da interdisciplina, estabelecendo métodos e atividades para a avaliação dos processos de aprendizagem. Ao elaborar o material básico da interdisciplina, planejamos e experimentamos hipóteses de ação a serem realizadas ao longo de cada unidade, especificando-as no material disponibilizado aos acadêmicos no ambiente virtual de aprendizagem, mantendo a atenção para com a necessidade de novas revisões e atualizações. As aulas e atividades respectivas foram sendo disponibilizadas semanalmente (ora quinzenalmente), pelos professores, no ambiente virtual e serviram de referência para a avaliação formativa e diagnóstica da aprendizagem.

O conhecimento do ambiente virtual e dos sujeitos envolvidos no processo aconteceu numa espécie de aula aberta (virtual), sendo uma das fases mais significativas, visto que a grande maioria dos docentes da interdisciplina não tinha experiência com educação a distância e não estava familiarizada com aquele ambiente formativo (plataforma Rooda<sup>4</sup>). Tentamos contribuir para esta fase *aprendente* (Habermas, 2002), referente às questões e procedimentos de ensino utilizados, de forma ativa e, ao mesmo tempo, coadjuvante. Durante este processo, aconteceram reuniões semanais com os professores da interdisciplina, com o intuito de acompanhar e organizar colaborativamente a preparação das aulas e a forma como estes estudos eram recebidos, desenvolvendo uma discussão em relação à construção do conhecimento pelos cursistas. As reuniões semanais justificaram-se pela necessidade de uma ação cooperativa que possibilitasse, a partir do diálogo com a ação na (re) elaboração do conhecimento, a discussão de pontos de vista diferenciados, o confronto, e a partir daí, a imersão de confluências, amadurecendo perspectivas para a emergência de novas performances condizentes com as dinâmicas da atualidade. Pode-se dizer que a competência pedagógica criou-se pela habilidade de movimentar-se num contexto vivo e interativo, com exigências predominantemente práticas relativas a conceitos de aprendizagem, a comportamentos inquietos de intercâmbio, que trazem novas dimensões, ressignificações de elementos conceituais e intencionalidades às questões ético-filosóficas. Questões da ação pedagógica são incertas e divergentes e, por isso, não existe uma teoria científica objetiva que possibilite a identificação unívoca de conhecimentos, de meios ou regras que a solucionem. A partir deste entendimento acerca do processo foi possível repensar a própria prática docente como uma



possibilidade de transformação e recriação constante do ensino/pesquisa, exercitado com base nas leituras e diálogos semanais e nas interlocuções com os acadêmicos, consolidando espaços de formação recíproca.

O contato com uma realidade educacional até então desconhecida de educação a distância, nos possibilitou a experimentação de diferentes situações educacionais na virtualidade da comunicação, bem como aprender a lidar com as dificuldades de uma prática educativa relativamente nova, que apresenta possibilidades, se não exigências, diferenciadas para o ensino. Tendo em vista o contexto de educação a distância, dedicamos ainda especial atenção para a qualidade da comunicação como habilidade de expressar-se com clareza através da escrita, fazendo frente a novas estratégias que promovessem nos professores em atuação o desejo de refletirem e, através da autocrítica, a vontade de investirem na sua autoformação e na autorrealização educativa (Gadamer, 1993). A questão da comunicação estava posta, sobretudo para os seguintes quesitos: expressar aos cursistas a intenção para cada aula e atividade, transpassada pelas ideias de um repensar a educação com a filosofia e, além disso, conseguir instigar os alunos para que eles expressassem suas dúvidas, sua compreensão, seus argumentos. O meio e os recursos que dispunham para aprender e dizer a palavra era o ambiente virtual e a escrita, vivendo plenamente seus limites e suas possibilidades. O diálogo, modo pelo qual em salas de aula presencial as questões são colocadas, ali deveriam ser substituídas pela escrita (tão cara a muitos). Depois disso, lidas, consideradas e retornadas pelos docentes e/ou tutores.

A partir do exercício de aprender a ser professor a distância vivenciamos um processo em que um professor orienta outros professores/cursistas no seu desenvolvimento humano e profissional e, ao mesmo tempo, realiza uma autoformação e autocrítica docente. A experiência docente representou um grande desafio, já que necessitamos estar conectados com os acadêmicos, que estão em busca de uma qualificação e inseridos no mundo do trabalho. A escolha e discussão dos textos e o detalhamento das atividades colaboraram para qualificar o processo de formação dos acadêmicos, contribuindo para repensar e planejar a prática, estabelecendo a adequação entre as ferramentas tecnológicas, os objetivos da interdisciplina e o debate sobre os processos de aprendizagem.

A educação a distância traz inúmeros benefícios em tempo real e não há como negá-los, pois estão inscritos no contemporâneo. A fala que se dá num ambiente interativo na qual o conhecimento se expressa não é um meio transparente e neutro de representação da realidade, mas uma disposição ativa implicada na constituição da realidade educacional e social. As novas tecnologias e a informática ilustram as profundas transformações na esfera da produção do conhecimento, que têm implicações tanto para o conteúdo do conhecimento quanto para sua transmissão e seu pensar. A filosofia e a educação não podem ficar indiferentes a esse processo, tampouco podem rejeitá-lo em nome de um certo humanismo anti-tecnicista. Como sabemos, existe uma série de demandas sociais com relação à educação a distância. Uma delas é propiciar às novas gerações uma compreensão científica, tecnológica, filosófica e estética da realidade vivida. Este novo paradigma suscita um justo otimismo e uma legítima inquietação, como aponta Arendt (2005) no sentido de que, modernamente, perdeu-se o sentido da ação como práxis (ação recíproca entre humanos) para a simples ideia de atuação sobre algo (fabricação). Ora, precisamos nos questionar se a falta de tempo, por meio do isolamento do corpo, não faz parte de uma clausura maior, em nossa realidade profissional, que está tirando as pessoas da condição de poderem viver e trocar experiências. Vale ressaltar que o tempo já não é mais, primariamente, um abismo a ser transposto porque divide e distancia, mas é, na verdade, o fundamento que sustenta o



acontecer, onde a atualidade finca suas raízes. A distância de tempo não é, por conseguinte, algo que tenha que ser superado. Na verdade trata-se de reconhecer a distância de tempo como uma possibilidade positiva e produtiva do compreender (Gadamer, 1993).

Assim, entendemos que há sustentação para a validade dos encontros virtuais entre os aprendizes (sujeitos interlocutores) que mesmo fisicamente distantes, encontram-se virtualmente face a face (dentro do alcance da visão). Pensamos que a expressão do conhecimento manifestada pelo ambiente virtual ajuda o aprendiz/professor a desbloquear a linguagem, a construir seu conhecimento e a modificar sua compreensão de mundo, elevando sua capacidade crítica de participar da realidade que está vivendo. Por isso, corporificamos e desenvolvemos este projeto interdisciplinar na tarefa de intermediação do conhecimento, ou seja, como um agente que orienta, guia, instiga, apoia, interage e promove reflexões e interações com todos os envolvidos, visando à melhoria da vida e da formação humana.

### **Reflexões sobre o processo de aprender a distância**

A práxis pedagógica em situações educacionais *on-line* precisa se desenvolver como um processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social (aperfeiçoamento) da formação profissional. Aprender num ambiente de interação, colaboração e partilha do sensível, na perspectiva da promoção de situações que favoreçam a constituição de comunidades de aprendizagem, como diz Freire (1987), de *círculos de cultura*. Os círculos de cultura foram criados por Freire, no final da década de 50, como uma forma de trabalhar o processo de aprender a partir da participação do aluno como sujeito de sua cultura, detentor de um saber gerado na prática social que precisava ser problematizado pelos educadores e acrescentado a temas de dobradiça, a fim de ampliar o diálogo entre os sujeitos que também atuam, pensam e falam. É uma rede de comunicação permanente, de se aprender com o outro através da utilização coletiva da palavra, cuja maior qualidade pedagógica é o incentivo a momentos de diálogo, valor ético fundante desta prática. O trabalho conjunto revela um processo de formação no exercício reflexivo do indagar-se e do indagar, e ajuda a pensar como transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, ou seja, *reinventa a educação* e promove o sentido de uma formação harmônica à plena participação da vida na *polis*. Utilizamos o termo *polis* que remonta à Grécia, local do surgimento da cultura ocidental, pois encontramos na concepção grega do mundo político e da vida humana o modo democrático que é para nós um germen do pensar reflexivo. As cidades gregas do período arcaico ao clássico estavam organizadas sob a ideia de *polis*, cujos cidadãos se formavam na sociedade e eram co-responsáveis pela vida na *polis*.

Além de repensarmos as atividades orientadas ao longo de cada semana de estudos a distância, tivemos dois momentos presenciais, a saber: a aula inaugural, tendo como foco orientar os acadêmicos em relação à dinâmica da interdisciplina, com breve exposição dos textos que viriam a ser trabalhados, introdução aos estudos filosóficos e sequência das aulas; e defesa perante uma banca do trabalho de conclusão, que compreendeu todos os conteúdos abordados ao longo do semestre pelas interdisciplinas<sup>5</sup>. No decorrer do trabalho, foram discutidos filmes<sup>6</sup> e dilemas morais no *fórum de discussão*, potencializando a interação em ambientes virtuais de aprendizagem. Enfatizando a redação e o argumento, chamamos a atenção para a necessidade do diálogo com o outro que inspira o prazer intelectual de aprender à construção de uma nova compreensão e de um novo conhecimento.



O uso da argumentação implica que se tenha renunciado a recorrer unicamente à força, que se dê apreço à adesão do interlocutor, obtida graças a uma persuasão racional, que este não seja tratado como um objeto, mas que se apele à sua liberdade de juízo. O recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade dos espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 61).

A sensação de instantaneidade na troca de informações e a interatividade, decorrentes da facilidade e da rapidez na comunicação interpessoal, acabam modificando as percepções temporais e espaciais, tornando próximo o distante. O desafio foi exercitar uma dialética entre os conhecimentos filosóficos e o pensamento crítico, ainda que dentro dos limites impostos pela linguagem (comunicação escrita, aprendizagem em contextos *on-line*, presença física e presença virtual, autonomia) na autoformação do professor.

A atuação docente a distância promoveu a construção cooperativa de conhecimentos e diferentes percepções em relação à interação em situações de aprendizagem, repercutindo favoravelmente como estratégia para expandir as oportunidades de ensino. No entanto, ao virtualizar nossa ação pedagógica, os meios de comunicação a distância modificam também nossa forma de perceber o mundo e a própria educação. Inovações tecnológicas geram conflitos, tanto por possibilitar novas formas de solucionar uma mesma situação, atuando sobre referenciais sociais, valores e hábitos consolidados, quanto por sua utilização estar sujeita aos interesses de distintos grupos sociais e culturais. Tal debate implica no reconhecimento da existência de antinomias e no enfrentamento das questões dicotômicas do debate filosófico-educacional. A percepção da linguagem como expressão pública de sentimentos, valores, afetos, opiniões, e a necessidade de ir ao encontro do outro, revelaram-se na socialização em rede, através da disponibilização de diários virtuais (*blogs*). Em contrapartida, os estudantes esperam poder contatar o professor imediatamente para esclarecer suas dúvidas, gerando impactos e a necessidade de investigação, de novas ações criativas. Com relação ao papel do professor no uso desse recurso, alguns pontos merecem nossa reflexão no que diz respeito à disponibilidade do professor para responder aos *emails*. Quando não segue imediatamente uma resposta do professor à mensagem do aluno, o processo se interrompe, e os estudantes se sentem desmotivados para continuar o diálogo. Além da disponibilidade, a forma de responder ao correio eletrônico, a qualidade de *emails* que o professor emitir poderá ajudar os acadêmicos em seus processos de aprendizagem a superar as dificuldades e incentivar a leitura e a pesquisa.

O conhecimento filosófico e pedagógico é movido pelo desequilíbrio das certezas e pela colocação de novas questões, cujo processo, seja presencial ou a distância, deve ter presente que a mediação pedagógica envolve a ação de promover o desequilíbrio cognitivo, desafiando constantemente o aprendente. Toda a ação pedagógica tem por objetivo oportunizar aos educandos o questionamento, a ressignificação da realidade, o conflito, como desafio para buscar novas compreensões para problemas cada vez mais complexos. Por isso, a prática docente pode promover o desenvolvimento da autonomia (tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado) do educando frente ao conhecimento, visto que partilhar experiências e refletir em conjunto, mesmo a distância, é fundamental para a construção e a socialização do conhecimento. Consideramos que o conhecimento implica em autoconhecimento, pois, ao conhecer e criar, o ser humano conhece e recria a si próprio. Daí que o exercício





crítico e permanente do professor de pensar a própria prática para teorizá-la refaz a estima de si mesmo e do seu trabalho (Freire, 2000).

No que tange a educação *on-line*, a decisão por uma ou outra solução tecnológica adquire, portanto, relevância na medida em que favorece a realização e o compartilhamento de atividades diversificadas, facilita a comunicação, tornando possível a interação, o diálogo e a cooperação do grupo, viabilizando diferentes formas de *feedback* (nota, comentários, orientações, pesquisas, debates, parecer). A maior parte da mediação pedagógica ocorreu através da plataforma Rooda do ambiente do curso, que mantém o registro das interações num mesmo espaço, favorecendo o compartilhamento das dúvidas e das respectivas problematizações com a turma. Assim, era possível acompanhar as atividades da interdisciplina, o desenvolvimento das questões de cada sujeito, interações entre alunos, intervenções de professores e de tutores, enfim, diversas articulações na construção do conhecimento. A intensidade do diálogo, em ambientes virtuais de aprendizagem, requer de todos os participantes (professores, tutores e cursistas/acadêmicos) o desenvolvimento da habilidade comunicacional escrita, o que inclui aprender a lidar com questões emocionais e criar uma *sensação de presença computacional* por meio da *personalização do que é comunicado*. Encontrar a forma de se fazer presente na discussão, questionar os argumentos pouco consistentes sem apresentar respostas definitivas, interferir no processo de maneira a promover a fluência do diálogo e a construção cooperativa de conhecimentos são posturas necessárias para o professor que atua nesses espaços educacionais. O diálogo pressupõe abertura para aprender e respeitar o outro, para concordar e discordar dos diferentes posicionamentos e expor o pensamento apresentando argumentos consistentes e adequadamente justificados. O processo implica na discussão das ideias, no confronto das concepções e percepções de cada autor em busca de um posicionamento mais elaborado e da própria identidade. É preciso aprender a apresentar a opinião, ouvir o outro, ceder em alguns momentos, ponderar e argumentar em outros e propor uma redação que melhor expresse as discussões da turma. De acordo com Sloczinski (2003), no ambiente da interatividade, o professor busca fundamentos da comunicação que potencializam o ensino e a aprendizagem, favorecendo a construção do conhecimento pela participação criativa, pelas buscas incessantes e pelo trabalho conjunto.

A avaliação formativa caracterizou-se pelo acompanhamento constante dos estudantes, através das atividades desenvolvidas ao longo dos módulos e da participação dos mesmos em fóruns de discussão, pesquisas e momentos de debate, bem como na análise dos trabalhos para identificar os equívocos conceituais e as relações criativas que ajudam os acadêmicos a progredir. A avaliação dos acadêmicos também contou com atividades de *workshop*, que envolveu a participação de todos os professores e tutores das diferentes interdisciplinas, tendo como objetivo realizar uma avaliação colaborativa, que visasse um conhecimento mais aprofundado sobre a trajetória de cada acadêmico na construção de aprendizagens e na realização ou não dos trabalhos solicitados. A interdisciplina Filosofia da Educação proporcionou encontros e debates sobre o contexto escolar em que os profissionais atuam, as peculiaridades de suas práticas educativas e as relações com os contextos acadêmicos. Esta experiência profissional instaurou novas formas de ver e sentir a formação de professores, pois presenciamos as dúvidas, receios e angústias, encontrados pelos acadêmicos num ambiente de convivência legítima. Além disso, a experiência propiciou a reflexão sobre o que é ser professor, sobretudo em ambientes interativos de aprendizagem, possibilitando interações e compartilhamento de ideias e ações sobre a performance formativa e o aprofundamento da investigação filosófica durante o ensino.



## Aspectos conclusivos

O diálogo com o conhecimento filosófico na formação pedagógica constituiu o centro das preocupações, para possibilitar o direito dos sujeitos/agentes de aprender primando pela troca, pela discussão e promoção da autonomia na construção de conhecimento e da argumentação, questionando e estabelecendo a abertura para o diálogo e para as relações interpessoais. Mas só a tecnologia moderna não resolve nossos problemas educacionais de aprendizagem e formação. Portanto, se não revermos nossa posição criticamente quanto aos princípios filosóficos e educacionais, e não proporcionarmos formação continuada e em serviço para os professores, de nada adiantará dispormos de alguma tecnologia. Nesse sentido, a Filosofia da Educação precisa pensar e integrar tais processos de mudança, criando sentidos, interpretações, ressignificações com os sujeitos que pretendem (re) aprender, como ser professor. A formação a distância nos coloca como permanentes pesquisadores dos modos de aprender e ensinar/pesquisar, provocadores de mediações entre saberes diversos, sobretudo na abertura interativa com o outro. Lembramos que é preciso buscar um novo olhar curioso sobre o mundo e, certamente generoso às novas descobertas, para vivenciar esta arte da formação e conversação a distância.

Em última análise, parafraseando Freire (2000), podemos dizer que da mesma forma como o ensino da leitura e da escrita não pode dar às costas à leitura do mundo, a formação de professores a distância não pode negligenciar a dimensão estético-expressiva necessária à reflexão sobre a ação pedagógica. Caso contrário, recairá no treinamento e não na formação, numa questão apenas técnica descolada de esclarecimento dos *que-fazeres* públicos, viabilizados pela eticidade de nossa presença no mundo. Tal percepção da mudança revela inclusive a presença interveniente do ser humano no mundo, implicando escolha e decisão, tão apreendida social e historicamente quanto produzida e comunicada. Em face das mudanças de compreensão, de comportamento, de gosto estético, de valores, de costumes, sobretudo no campo da sexualidade e da linguagem, os agentes educativos não podem acomodar-se (presença neutra) nem tampouco insurgir-se na extrema emocionalidade, mas precisam responder com uma educação crítica, radical, e participar de práticas democráticas e transformadoras, na busca de coerência discursiva que educa a vontade de mover-nos no mundo.

## Notas do Texto

<sup>1</sup> Esta experiência docente resultou na produção de reflexões e textos que foram sendo disponibilizados aos alunos ao longo do curso, além de publicações, relatórios, artigos. Destacamos o artigo intitulado *Técnica, tecnologia e performance* (CONTE, Elaine; MARTINI, Rosa M. F.) e o artigo *Sobre a possibilidade de uma prática reflexiva na educação modalidade a distância* (SANTOS, Vanice dos.; NEVADO, Rosane A.), ambos publicados e apresentados no III SENAFE – Vida, Cultura e Diversidade, evento realizado na Universidade Federal de Santa Maria-RS, 2009. Cabe ainda destacar o site em que estão registradas as aulas: <https://www.ead.ufrgs.br/rooda/>.

<sup>2</sup> Desdobramentos desta temática, sob o olhar de estudos filosóficos e aproximações com a tecnologia, podem ser encontrados na obra: SANTOS, Vanice dos. *Ágora digital: o cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente virtual de aprendizagem*. Jundiá: Paco, 2013.

<sup>3</sup> Dentre as leituras indicadas citamos: *A Educação após Auschwitz* (Adorno); *A crise do conhecimento de si do homem* (Cassirer); *Sobre a pedagogia* (Kant); *Defesa de Sócrates* (Platão). *O dilema do antropólogo francês* (Leonardo S. Porto).

<sup>4</sup> Rede Cooperativa de Aprendizagem, ambiente desenvolvido para atender atividades de professores e alunos da UFRGS, sendo mantido pelo NUTED (Núcleo de Tecnologia Digital Aplicado à Educação) e pelo LIMC (Laboratório de Interação Mediada por Computador), da mesma Universidade.



<sup>5</sup> A interdisciplina Filosofia da Educação ocorreu no Eixo 6, cuja temática estava orientada para “docência e processos educacionais inclusivos”.

<sup>6</sup> Dentre os filmes sugeridos, elencamos: O Clube do Imperador; Escritores da Liberdade; Entre os Muros da Escola; Doze Homens e uma Sentença; A onda; Pro Dia Nascer Feliz.

## Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **La condición humana**. 1. ed. Barcelona: Paidós, 2005.

BLOOM, Harold. **Onde encontrar a sabedoria?** Rio de Janeiro: Ponto de Leitura, 2009.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y Metodo I: fundamentos de una hermenéutica filosófica**. 5. ed. Trad. Ana Agud Aparicio e Rafael de Agapito. Salamanca: Sígueme, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y Metodo II**. 3. ed. Trad. Manuel Olasagasti. Salamanca: Sígueme, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Trad. Lucia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual**. São Paulo: 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1999.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SLOCZINSKI, H. **Formação de Professores a Distância e em Serviço: Aprendizagem na Prática**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.